

ticamente um navio também esses barcos de apoio às plataformas offshore.

Eu, principalmente, e tenho certeza de que meus colegas compartilham também dessa ideia, mas eu queria ouvir de você se, nesse momento, ou em algum momento, nós poderíamos marcar uma visita técnica, presencial, a esses estaleiros. Eu acho também interessante escutar os empreendedores, porque, muitas vezes, eles, colocando a dificuldade, a gente consegue construir aí um caminho juntos e, também, os trabalhadores, porque eles são fundamentais aí nessa questão. Você acha interessante visitar nesse momento?

O SR. FELIPE PEIXOTO - Presidente!

A SRA. PRESIDENTE (Célia Jordão) - Oi, Deputado Felipe.

O SR. FELIPE PEIXOTO - Eu estava, desde o começo, ouvindo. Eu estava em trânsito, acho que fica chato ficar com o telefone aberto, a câmera aberta, estando em trânsito, mas eu estava escutando a reunião. Mas, assim, eu só queria corroborar com essa observação que V. Exa. apresenta, da visita aos estaleiros. Acho que é fundamental que a gente possa ir aos estaleiros, conversar e sentir de perto. Eu sou uma pessoa que gosto muito de ouvir e sentir ali, no local. Sempre tem uma impressão, sempre tem uma informação nova. Eu queria só corroborar com essa questão e, depois, quando tiver uma oportunidade ...

A SRA. PRESIDENTE (Célia Jordão) - Felipe, se você quiser, você pode fazer algumas considerações, suas perguntas, pode fazer uso da palavra.

O SR. FELIPE PEIXOTO - Não, acho que as falas anteriores, seja a do Waldeck, o Rubinho, como a sua também foram muito positivas. Agradeço aqui a presença dos Sêrgios, pessoas conhecidas da nossa cidade, da luta pela indústria naval.

Um pouco do que eu tenho tentado levar à nossa reunião, a gente assumiu, ao convite da presidente, de poder fazer o relatório do trabalho da Comissão. E me preocupa muito. Eu estava vendo os slides de vocês, onde vocês colocam algumas propostas, muito com o foco na BR do Mar, que talvez seja um tema que esteja mais próximo de decisão nesse momento, a gente já fez a interlocução necessária, o deputado inclusive citou aqui os movimentos que foram feitos, o Senador Portinho chegou a protocolar uma emenda, que eu acredito que vocês já tenham tido acesso, na segunda passada, mas eu acho que é fundamental a gente olhar pra frente e ver o que a gente pode, enquanto comissão, elaborar propostas para que a gente possa retomar essa atividade tão importante do Estado.

Eu queria, muito na linha do que o Bacci falou aqui: que caminho a gente vai seguir para o futuro? O que a gente pretende, efetivamente, com a indústria naval no nosso estado? Como é que a gente se insere, dentro desse contexto tão falado aqui anteriormente por vocês, da presença do custo que são os produtos que são feitos na Ásia com relação à questão da competitividade, pelas restrições sejam ambientais, trabalhistas ou de acesso à matéria prima que, às vezes, a gente acaba tendo? Preocupa-me muito a questão tecnológica. É uma questão que eu abordei muito semana passada no nosso encontro, onde eu vi se desmontando alguns estaleiros em Santa Catarina. Isso me mostra um pouco do que eu vi de perto, o que aconteceu com o setor da pesca do Estado, onde Santa Catarina inovou, o estado deu um aporte importante à indústria pesqueira, e todo mundo saiu do Rio de Janeiro e foi parar em Santa Catarina.

A partir do momento que eu vejo que algumas embarcações estão sendo feitas, construídas em Santa Catarina, com grande vocação tecnológica, eu faço uma pergunta: por a gente ter sido, o Rio de Janeiro, especialmente, na Marinha de Guerra, na cidade do Rio de Janeiro, e lá no Mauá, em Niterói, os protagonistas de uma época da indústria naval, até que ponto a nossa indústria naval do Rio de Janeiro não ficou paralisada no tempo e não nos permitiu olhar para frente, perceber essas mudanças tecnológicas, e até que ponto a gente não se adaptou a essa nova realidade para dar poder de competitividade para esse setor? Que propostas, o que a gente poderia estar incentivando, do ponto de vista do Estado do Rio de Janeiro, para dar essa volta por cima, trazendo esses componentes tecnológicos que, para mim, são fundamentais? Porque, assim, diante do que eu vejo da fala de cada uma dessas comissões, é muito difícil a gente ver novamente o Rio de Janeiro com capacidade de fazer grandes embarcações, empregar muita gente, como se empregou no passado, diante da situação que a gente está vendo. É uma luta? É uma briga? Podemos tentar? Podemos aumentar o componente local? Mas, assim, competir com outros estaleiros, seja na questão do custo da mão de obra, seja nas questões ambientais e trabalhistas, mas até que ponto também não falta capacidade nossa tecnológica para poder fazer essa virada?

Então, é uma pergunta que eu costumo fazer aqui e, assim, me preocupo muito. Vocês já devem estar sabendo que a gente teve uma reunião, presidida pela deputada Célia, com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado, e, assim, a minha impressão ficou péssima, porque a reunião se resumiu a mostrar o plano de descomissionamento das plataformas e dos poços de petróleo desoperação(?). Virou o quê? É sucateiro? O Rio de Janeiro vai virar sucata?

Então, assim, como a gente dá essa volta por cima? A gente não quer isso. Isso ficou muito claro na reunião que a gente fez. A gente não quer transformar o Rio de Janeiro em sucateiro e ferro velho de embarcação e de equipamento de exploração de petróleo. O que a gente quer? O que a gente precisa fazer? O caminho é esse? É na área tecnológica? Eu queria um pouquinho a opinião de vocês a respeito desse assunto.

O SR. SÉRGIO BACCI - Deputado Felipe Peixoto, primeiro, é um prazer, mais uma vez, estar com o senhor. A gente que convive aqui na nossa querida Niterói, saber que o senhor está nos ajudando a defender essa nossa indústria nos enche de alegria. Deputado, essa questão da tecnologia tem que vir atrelada à demanda, porque não tem estaleiro que vá fazer investimento em milhões de dólares para não ter demanda. Aí, quando o senhor cita Santa Catarina, é um bom exemplo Santa Catarina, para entender o que aconteceu em Santa Catarina. Santa Catarina, basicamente, você tem três estaleiros que funcionam com uma tecnologia avançada, que é o Estaleiro Detroit, o Estaleiro Navship e o Estaleiro Oceana. Por que eles são dotados de tecnologias avançadas? Porque os três estaleiros foram construídos para verticalizar uma operação da empresa. Por exemplo, o Detroit é o estaleiro cujo proprietário é o Estanave, que tem várias embarcações operando aqui no Rio de Janeiro. Então, o que foi feito? A Estanave construiu - construiu, não - ela comprou o Detroit, modernizou o Detroit para poder construir as suas embarcações. Então, ela tinha uma demanda dela e foi construindo os navios, e o investimento que ela fez em tecnologia já está pago agora, depois de ter essas instalações feitas. O Navship ...

O SR. FELIPE PEIXOTO - Por que não fez no Rio de Janeiro?

O SR. SÉRGIO BACCI - Por que não fez no Rio? Porque, na época, tanto Estanave quanto ... Primeiro, o Detroit já existia, o Detroit de Santa Catarina. Então, foi uma opção de compra que um grupo chileno fez de adquirir o estaleiro Detroit. Esse é um dos motivos. O Estaleiro Navship. Por que foi construir em Santa Catarina? Por conta de incentivo fiscal. Eles conseguiram incentivo fiscal do governo do estado e construíram o estaleiro lá. E o Oceana a mesma coisa. Teve uma política agressiva do governo de Santa Catarina à época, para poder levar esses estaleiros para lá. O Navship é a mesma coisa, quer dizer, esse é o estaleiro que eu falei que foi da indústria, da empresa que eu trabalhei, empresa americana. Ele construiu esse estaleiro do zero, investiu em tecnologia e construiu mais de 50 embarcações lá em Santa Catarina.

Então, a tecnologia está muito intrinsecamente ligada a questão da demanda, você não vai ter tecnologia nos estaleiros do Rio se tiver demanda. Não adianta falar, isso é que nem navegação. "Ah, porque não tem indústria navegação no Brasil". Eu sempre cito um exemplo, vamos supor uma indústria de hélice, você acha que alguma indústria de hélice vai vir para o Brasil construir uma planta industrial para construir 10 hélices? Não vai. Ou tem demanda perene, tem demanda para atender não só as coisas no Brasil, mas para poder exportar ou não vai fazer. E a mesma coisa os estaleiros, quer dizer, não vai ter investimento em tecnologia se não tiver demanda, e isso o que acontece no Brasil e no Rio de Janeiro especificamente, você pega a grande maioria dos estaleiros no Rio de Janeiro é de tecnologias

já um pouco ultrapassada é verdade, mas por quê? Porque não tem demanda, vive de uma encomenda aqui, outra encomenda ali e isso não vai.

Então, ou a gente tem uma política perene de encomenda ou dificilmente você vai ter tecnologia desenvolvida nos estaleiros. Bom, não sei se eu me perdi em alguma coisa.

A SRA. PRESIDENTE (Célia Jordão) - Não, eu acho que você respondeu bem, não Felipe? Sobre essa questão da tecnologia.

O SR. FELIPE PEIXOTO - Sim, a questão do incentivo fiscal, que eu acho que ele tem que se desdobrar para entender que incentivos foram dados na época lá que aqui no Rio não teve capacidade. Eu imagino também que esses estaleiros possam ter sido ou construídos equipados no momento em que o Rio de Janeiro tinha uma disputa e talvez tivesse uma dificuldade pela quantidade de demanda que tinha naquele momento disponibilidade de espaço talvez. Talvez tenha sido alguma coisa nesse sentido também.

O SR. SÉRGIO BACCI - Tem outro fator, que eu esqueci de citar, que é a questão da mão de obra. A mão de obra lá em Santa Catarina tem um custo um pouco menor, e em função do clima de Santa Catarina a produtividade lá é um pouco melhor, em função do clima, quer dizer, uma coisa é você soldar com 40 graus à sombra e outra coisa é você soldar com uma temperatura de 25 graus, 26 graus, a produtividade é um pouco melhor. Então, esse também foi um dos motivos que levaram os estaleiros a serem construídos lá em Santa Catarina. E quanto a ...

A SRA. PRESIDENTE (Célia Jordão) - Bacci

O SR. SÉRGIO BACCI - Oi, pois não?

A SRA. PRESIDENTE (Célia Jordão) - Não, pode complementar, depois eu pergunto, pode complementar.

O SR. SÉRGIO BACCI - Quanto às visitas aos estaleiros eu acho fundamental, deputada. Eu sou daqueles que acham que só dá para falar sobre um assunto quando você vai visitar, quando você conhece a realidade, quando você entra. E a senhora conhece, porque eu sei que a senhora visita o Brasfels, tem relações lá com os trabalhadores do Brasfels, sabe da realidade de lá. Mas, é importante conhecer outras realidades para a gente ver que efetivamente a indústria carece de apoio, carece de que mais pessoas possam fazer o diálogo com o governo para poder mudar essa lógica. E se eu pudesse deixar já uma sugestão - não querendo ser abusado - mas com a mudança do Presidente da Petrobras, eu quero crer que geral que assumiu é um nacionalista, quero crer que ele possa ver a indústria de uma outra forma. Então, eu queria sugerir, inclusive, que a comissão visitasse o novo Presidente da Petrobras para abrir um diálogo com ele para nos ajudar a retomar nossa indústria via Petrobras.

A SRA. PRESIDENTE (Célia Jordão) - Nós estávamos aguardando justamente essa mudança, que se deu aí há coisa de uma semana, e aguardar mais uns 15 dias para ele se ambientar na empresa para poder nos receber. Eu tenho certeza de que ele vai ouvir com interesse, o nosso interesse também na retomada dessa indústria.

Eu só queria perguntar, pedir a sua opinião e o Felipe também com certeza ficou bem atento, nós tivemos uma reunião com a Firjan, e um dos técnicos que fizeram a explanação informou que apenas a Petrobras não teria capacidade de fomentar essa indústria; ela não teria condições de, sozinho, fazer essas encomendas e sustentar o setor. Você concorda com isso, Bacci?

O SR. SÉRGIO BACCI - Deputada, infelizmente, nossa Federação das Indústrias deixa muito a desejar no apoio a indústria naval. Quem disse isso desconhece completamente a indústria ou desaprendeu, ou está comprimindo um papel muito feio.

A Petrobras sempre foi a indutora da indústria naval, sempre foi não é de hoje, tanto é que deu resultado durante 10 anos através da indução da indústria, da Petrobras. Evidente que a gente não pode única e exclusivamente depender da Petrobras, mas se a Petrobras não for a principal indutora, nós não vamos conseguir ampliar isso para outras operadoras. Quer dizer, se a Petrobras encomenda, a gente pode chegar a outras operadoras e tentar negociar para ter encomenda no Brasil. Agora, sem a Petrobras eu tenho certeza de que nós não vamos para lugar nenhum. Então, evidentemente a impressão que eu tenho é que quem representa a Firjan está cuidando dos interesses das operadoras e não da indústria do Rio de Janeiro.

A SRA. PRESIDENTE (Célia Jordão) - Porque também achamos assim, eu particularmente achei um pouco estranho a colocação. Deputado Felipe, gostaria de complementar? Porque eu acho que a gente já esclareceu bastantes pontos. Bacci, a gente também tem muito interesse, de repente, de conversar com o próprio Conselho Diretor do Fundo de Marinha mercante para ver qual é o olhar deles em relação a esse financiamento, a quantas anda hoje a posição do próprio governo em relação a isso. A gente também tem aí na programação visita aos Ministérios e aproximação também com o Senado, por conta da Br do Mar, que já está lá em discussão. Também está na Câmara Federal um projeto de lei sobre o conteúdo local, esse eu pelo menos ainda não li, não tive acesso, mas eu desde já se o Felipe tiver satisfeito com as perguntas a gente...

O SR. FELIPE PEIXOTO - Deputada, eu não vou fazer mais nenhuma outra pergunta não, mas só para a gente botar no nosso radar aqui e pedir ajuda aos Sêrgios aí para a gente poder pensar.

Existem questões que a gente vai colocar no nosso relatório que tem muito foco que extrapola um pouco as fronteiras do nosso Estado do Rio de Janeiro e o poder decisório do governo do estado. Conteúdo local, encomendas da Petrobras, são outras questões que a gente vai pôr como indicativos. Mas, efetivamente do ponto de vista do Estado do Rio de Janeiro, eu imagino que tem três áreas que a gente pode trabalhar para poder auxiliar o setor.

Primeiro, a questão na área de formação. Nós temos a Faetec, nós temos os cursos profissionalizantes e precisamos saber, talvez em uma outra oportunidade até uma reflexão maior, ou nas nossas visitas com vocês, saber efetivamente se os cursos que são ofertados pela Faetec são realmente necessários hoje para o setor, para o mercado, ou estão ultrapassados e não existe necessidade de formação desse tipo de mão de obra. Ou, talvez, pelo contrário, há uma escassez de mão de obra e não há formação. Eu, por exemplo, tenho uma proposta de criação da Escola do Mar, que é uma escola de formação para as pessoas que atuam no mar, que aí seriam os cursos (não compreendido), Dmaic, Salvatagem.

São cursos que o setor privado acaba fazendo e que o poder público não oferece, mas isso é muito voltado para a questão do apoio ao offshore. Os cursos tradicionais da área da engenharia naval já são oferecidos hoje por um setor público, mas esses cursos são necessários? Os equipamentos que têm lá hoje para aplicar os cursos são suficientes ou não?

Outra questão é a do incentivo, nós estamos em um processo de recuperação fiscal do Estado, e isso cria uma série de limitações. Mas, o Estado do Rio de Janeiro precisa ser competitivo. Não é porque a gente tem hoje as docas aqui, que permite que a gente possa atracar uma embarcação, que seja suficiente. Então, que tipo de incentivo fiscal o Rio de Janeiro pode dar para ter mais competitividade?

E a última questão que eu acho talvez influencie bastante talvez seja no licenciamento, tendo em vista a burocracia que é o processo licitatório no Rio de Janeiro, não é? de que forma a gente poderia, talvez, propor algumas simplificações no processo de licenciamento.

Então, queria só mencionar essas três questões aqui para vocês pensarem, e se vocês tiverem algum outro tema que vocês achem importante colocamos a comissão à disposição para que a gente possa receber essas propostas e introduzir aqui no nosso relatório. Então, deputada, era só mais essas considerações que eu gostaria de fazer e mais uma vez obrigado aí pela participação de todos.

Peço desculpas por esse primeiro momento que eu fiquei só ouvindo a reunião e não estava podendo participar por vídeo.

A SRA. PRESIDENTE (Célia Jordão) - Bacci, você pode responder à pergunta do deputado Felipe?

E só complementando a Marinha também parece que oferta cursos, não é? Mas, eu acho que nessa questão dos cursos, a Marinha poderia contratar o setor privado para poder dar mais maleabilidade nessa questão da oferta de cursos mesmo, da diversidade deles.

O SR. FELIPE PEIXOTO - Deputada, a Marinha oferece uma quantidade muito pequena de cursos; insuficientes. Na época, a gente chegou a fazer uma reunião com a Marinha, conseguimos que a Marinha credenciasse a Faetec para a Faetec poder fazer esses cursos, e isso acabou não acontecendo.

A Marinha é como se fosse um MEC que autoriza a realização de alguns cursos, fiscaliza. A intenção da Faetec na época era contratar oficiais da reserva, praças da reserva e da Marinha para poder aplicar esses cursos, mas infelizmente isso acabou não acontecendo.

E aí, estão falando aqui da economia do mar, que é mais que indústria naval, mais do que o reparo, e a construção de embarcações. Estou falando da atividade marítima como um todo. Mas, a gente tem o centro de formação que é o Henrique Lage, no Barreto, e que efetivamente eu não sei se está atendendo às demandas do mercado atualmente ou estão ensinando as pessoas a soldar, ou hoje não se solda mais. Não sei se mudou o (não compreendido) tecnológico. A soldagem hoje em dia é toda eletrônica... não sei. Estou aqui saltando algumas coisas sem conhecer profundamente do assunto.

Mas, era importante ouvir um pouquinho de vocês a respeito desse tema.

O SR. SÉRGIO BACCI - Deputado Felipe, evidentemente que depois de uns 7 anos sem obra praticamente quem tinha a formação, qualificação vai precisar passar por um processo de requalificação quando tiver a retomada da indústria. Então, a gente acredita muito em formação, tanto é que teve estaleiros que investiram em escolas próprias de formação. A gente acha que esse é o caminho. Mas para que essa formação ocorra efetivamente nós precisamos ter obra, porque senão a única formação que a gente está fazendo ultimamente é de Uber, infelizmente. Se o senhor pegar Uber, e eu sei que o senhor pega, o senhor sabe que se o senhor conversar, 8 em 10 uberistas são remanescentes da indústria naval. Então, infelizmente a gente está perdendo essa mão de obra, porque 7 anos sem efetivamente trabalhar naquilo que o cara era formado, em solda, em manutenção, o cara perde um pouco a mão, não tem jeito, e fora a tecnologia que avança dia a dia. O mundo hoje avança muito rapidamente. Então, evidentemente que a gente vai precisar ter a formação.

Quanto aos outros itens que o senhor levantou - a questão de incentivo -, eu acho que a gente precisava pensar um pouco o que é isso. Porque também incentivo por incentivo, eu acho que o caminho não é esse. Eu acho que a gente precisava ter primeiro a demanda efetivamente, e depois, de repente, políticas de financiamento de baixo custo talvez possam ser um caminho para poder melhorar a tecnologia.

Eu não sou daqueles que - "Ah, o governo precisa dar incentivo para tudo!" Não, não é não. Eu acho que o privado também precisa dar a sua contribuição para que o país possa crescer. Então, acho que podemos pensar, acho que o Sérgio Leal, que é uma pessoa que está há muito mais tempo que eu nesse setor, pode depois nos ajudar a pensar nisso, mas nós estamos à disposição efetivamente da comissão para que possamos dar a nossa pequena contribuição, a nossa modesta contribuição para ajudar o Estado do Rio de Janeiro, em particular - como eu disse, foi o estado que eu adotei para a minha vida - para sair desse marasmo. E essa indústria que, para mim, é de onde eu tiro o sustento da minha família.

Então, podem contar com a indústria naval. A deputada Célia tem os nossos telefones, tem os nossos contatos, e nós vamos estar sempre à disposição para dialogar, para podermos chegar a alguma coisa que seja positiva para o nosso estado.

A SRA. PRESIDENTE (Célia Jordão) - Obrigada, Bacci. Já que você se colocou à disposição, então, a gente abusa mais um pouquinho e solicita dos senhores também com toda a expertise e vivência dentro do setor, se puderem também nos encaminhar outros estudos e sugestões para que a gente possa encontrar um caminho de solução para o que a gente está buscando.

A gente está aqui de portas abertas para receber, porque como disse o deputado Felipe Peixoto, ele ganhou uma grande responsabilidade de, ao final, elaborar um bom relatório com base na coletânea de tudo o que a gente vai construir nesse caminho do trabalho da Comissão.

Então, a gente já está partindo para o encerramento, queria agradecer a sua especial participação, principalmente nesse momento de convalescência já lhe desejando aí uma plena recuperação da sua saúde. Cuide-se muito, porque a Covid não é fácil, mas graças a Deus você pegou sintomas leves.

Agradeço também ao Sérgio Leal, com a sua simpatia e conhecimento, pela contribuição que ele nos deu com a sua fala. Agradeço a todos das equipes dos gabinetes dos deputados que estão nos acompanhando. À TV Alerj e a toda assessoria nós também agradecemos a participação.

Este foi um primeiro encontro, e outros se repetirão até o final com toda a certeza. Agradeço-lhe muito, viu, Bacci? Você foi muito feliz nas suas intervenções. Então, muito obrigada pela sua participação, se você quiser também se despedir pode usar da palavra para finalizar.

O SR. SÉRGIO BACCI - Lógico deputada. Eu primeiro quero mais uma vez agradecer à senhora pelo convite. É um prazer poder contribuir, dar soluções para o nosso Estado. Eu acho que qualquer cidadão se sentiria orgulhoso de estar na minha posição podendo dar sugestões para que a Assembleia Legislativa possa ajudar a gente.

Só um pouco do meu histórico. Eu passei pela Assembleia Legislativa de São Paulo e passei pelo Congresso Nacional, então, diferente de muitos eu sei da importância do Parlamento. Sem o Parlamento não existe democracia, em todas as suas dificuldades. Então, eu quero agradecer à senhora; agradecer ao deputado Felipe Peixoto pelo carinho com que me recebeu, com que recebeu a indústria naval; agradecer ao deputado Bontempo; agradecer ao deputado Waldeck. Queria agradecer também ao André, que é da assessoria da Alerj que prontamente me ajudou quando eu precisei de informações.

A gente está à disposição da comissão e da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro para o que a gente puder contribuir. Eu acho que o intuito, tanto da comissão como o nosso, é buscar caminhos para que a nossa indústria, para que o Estado do Rio de Janeiro, saia dessa situação ruim que ele se encontra. E não será através de desmonte, nem através de desmanche de embarcação que vai isso se dar.

Eu sempre digo o seguinte, estaleiro, na sua concepção é um local para construir embarcações e não para destruir. Destruir é um pal a mais do estaleiro. Então, eu já tentei conversar, estou tentando marcar com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado do Rio a mostrar para eles que o caminho não é esse. Esse é um caminho que já foi perseguido pelo antecessor, secretário de desenvolvimento antecessor, que se deu mal. Então, a gente quer que a Secretaria de Desenvolvimento nos ajude a construir embarcações e não a destruir.

A SRA. PRESIDENTE (Célia Jordão) - Obrigada Bacci, obrigada Sérgio Leal.

O SR. SÉRGIO LEAL - Muito obrigado. Parabéns a todos, muito obrigado pela ajuda que estão nos dando e ficamos à disposição de todos. Muito obrigado mesmo. É um grande esforço que está sendo feito e que nós louvamos muito, porque está vindo na hora certa, porque nós precisamos realmente desse apoio. Precisamos voltar a crescer e tudo virá com a demanda: tecnologia, formação, os cursos de educação, os cursos novamente de reciclagem de pessoal, de requalificação. Isso tudo virá se a demanda for ajustada. E acho que nós vamos ter um bom entendimento.

Eu louvo essa questão, essa ideia de procurar outras autoridades, procurar os Ministérios, procurar o Conselho Nacional de Política Energética que foi quem orientou a ANP, e vice-versa, um ao outro, no sentido de baixar os conteúdos locais. Não foi falta de aviso nosso de que isso seria desastroso, mas eles não levaram nossa posição em conta e fizeram o que quiseram fazer, levando em conta mais a posição que era predominante das operadoras, inclusive, da Petrobras e das estrangeiras do que nós. Não olharam o lado industrial brasileiro nessa história.